

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL  
GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

YURI DA SILVA OLIVEIRA

**MARÉ DE PERSPECTIVAS:** Uma Incursão Inicial nas Dinâmicas do Tráfico de Drogas e da Milícia e Suas Influências no Território, nas Perspectivas e no Cotidiano dos Moradores do Complexo da Maré.

Rio de Janeiro

2024

**YURI DA SILVA OLIVEIRA**

**MARÉ DE PERSPECTIVAS:** Uma Incursão Inicial nas Dinâmicas do Tráfico de Drogas e da Milícia e Suas Influências no Território, nas Perspectivas e no Cotidiano dos Moradores do Complexo da Maré.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social.

Orientador: Prof. Dr. Alex Ferreira Magalhães

Rio de Janeiro

2024

## CIP - Catalogação na Publicação

48m           Oliveira, Yuri da Silva  
              Maré de Perspectivas : Uma Incursão Inicial nas  
Dinâmicas do Tráfico de Drogas e da Milícia e Suas  
Influências no Território, nas Perspectivas e no  
Cotidiano dos Moradores do Complexo da Maré / Yuri  
da Silva Oliveira. -- Rio de Janeiro, 2024.  
55 f.

Orientador: Alex Ferreira Magalhães.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto  
de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional,  
Bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento  
Econômico e Social, 2024.

1. Maré (Rio de Janeiro, RJ). 2. Tráfico de  
drogas. 3. Milícias. I. Magalhães, Alex Ferreira ,  
orient. II. Título.


## YURI DA SILVA OLIVEIRA

**MARÉ DE PERSPECTIVAS:** Uma Incursão Inicial nas Dinâmicas do Tráfico de Drogas e da Milícia e Suas Influências no Território, nas Perspectivas e no Cotidiano dos Moradores do Complexo da Maré.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social.


Aprovada em: 13/12/2024.

### BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 ALEX FERREIRA MAGALHAES  
Data: 21/12/2024 20:33:30-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Alex Ferreira Magalhães**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Documento assinado digitalmente  
 ANTONIO CARLOS PINTO VIEIRA  
Data: 03/01/2025 14:47:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Me. Antônio Carlos Pinto Vieira**  
CEASM / MUSEU DA MARÉ

Documento assinado digitalmente  
 RENATO EMERSON NASCIMENTO DOS SANTOS  
Data: 02/01/2025 11:06:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Renato Emerson Nascimento Dos Santos**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando nos momentos difíceis e celebrando comigo cada pequena conquista.

Aos amigos que nunca mediram esforços para me incentivar, me ouvir e me lembrar do meu potencial, mesmo quando eu duvidava dele.

Aos moradores do Complexo da Maré, cujas histórias e vivências me inspiraram profundamente e me mostraram a força e a resistência de uma comunidade tão rica em cultura e vida.

E a mim mesmo, por não desistir, por superar desafios e por acreditar que é possível transformar a realidade com esforço, estudo e dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família, que sempre me apoiou e acreditou em mim, mesmo nos momentos em que eu mesmo duvidava. Vocês são minha base e minha maior motivação.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante toda a caminhada, oferecendo palavras de encorajamento, suporte emocional e, muitas vezes, risadas que aliviaram o peso do caminho.

Ao meu orientador, que com paciência, conhecimento e orientação firme, me ajudou a transformar ideias soltas em um trabalho sólido e significativo.

Aos moradores do Complexo da Maré, que compartilharam suas histórias e experiências comigo, possibilitando a construção deste estudo. Vocês são o coração deste trabalho e me ensinaram mais do que eu poderia imaginar.

Aos meus professores da UFRJ, que, com seu compromisso e dedicação, me ajudaram a expandir horizontes e acreditar no impacto que o conhecimento pode ter.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por cada madrugada dedicada, cada obstáculo superado e por nunca desistir, mesmo diante das dificuldades. Este é um reflexo de todas essas forças reunidas.

## RESUMO

Nas favelas do Rio de Janeiro, como o Complexo da Maré, o tráfico de drogas e as milícias moldam profundamente o cotidiano dos moradores, influenciando suas rotinas, relações sociais e percepções. Facções criminosas como o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e as milícias exercem controle territorial, definindo não apenas o poder sobre as áreas, mas também como os moradores interagem com esses grupos. Para alguns, o tráfico ou as milícias trazem uma sensação de ordem e proteção, enquanto para outros, representam opressão e medo. Este estudo busca investigar as diversas perspectivas dos moradores da Maré sobre essas organizações, considerando fatores como proximidade, condições socioeconômicas e geográficas. Por meio de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, que inclui entrevistas e observação de campo, pretende-se explorar as diferentes percepções e seus impactos nas interações sociais dentro da comunidade. A pesquisa visa oferecer uma compreensão mais aprofundada dessas visões para auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e sensíveis às realidades locais.

**Palavras-chave:** Complexo da Maré; tráfico de drogas; milícias.

## **ABSTRACT**

In the favelas of Rio de Janeiro, such as the Complexo da Maré, drug trafficking and militias deeply shape the daily lives of residents, influencing their routines, social relationships, and perceptions. Criminal factions like the Comando Vermelho (CV), Terceiro Comando Puro (TCP), and militias exert territorial control, which not only defines power over these areas but also how residents interact with these groups. For some, drug trafficking or militias bring a sense of order and protection, while for others, they represent oppression and constant fear. This study aims to investigate the diverse perspectives of Maré residents regarding these organizations, considering factors such as proximity, socioeconomic conditions, and geography. Using a qualitative and bibliographical approach, including interviews and field observations, the study explores different perceptions and their impact on social interactions within the community. The research seeks to provide a deeper understanding of these views to support the development of more effective and sensitive public policies tailored to local realities.

**Keywords:** Complexo da Maré; drug dealing; militias.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da divisão territorial da Maré por facção, Jornal Metrópolis por Nicole Diniz 2024 .....	22
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CV	Comando Vermelho
TCP	Terceiro Comando Puro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ADA	Amigos dos Amigos
IPCM	Instituto Penal Cândido Mendes
LSN	Lei De Segurança Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 O COMPLEXO DA MARÉ: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Origens Históricas .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 A Consolidação das Favelas e Novas Dinâmicas Sociais.....</b>	<b>14</b>
<b>3 DITADURA MILITAR E A REPRESSÃO: FORMAÇÃO DO CV .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 A Ideia De Coletividade .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 Paz, Justiça e Liberdade: O Sentimento Vermelho .....</b>	<b>18</b>
<b>3.3 A Ascensão do Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro .....</b>	<b>19</b>
<b>4 FACÇÕES DO COMPLEXO DA MARÉ .....</b>	<b>22</b>
<b>5 Capítulo suprimido, com base no Comitê de Ética de Pesquisa, que prevê a segurança do pesquisador e pessoas envolvidas na pesquisa feita. ....</b>	<b>24</b>
<b>6 ANÁLISES E CONCLUSÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Complexo da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, é composto por dezesseis favelas e abriga uma população diversa, que enfrenta diariamente os desafios impostos por condições de vulnerabilidade social e pela presença do crime organizado. Esse território caracteriza-se por uma complexidade singular, marcada pela justaposição de diferentes facções criminosas — como o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e as Milícias — e por conflitos históricos relacionados ao controle territorial. Esses elementos tornam a Maré um espaço emblemático para compreender a influência do crime organizado sobre a vida cotidiana nas favelas.

Nesse contexto, tanto o tráfico de drogas quanto as milícias transcendem a esfera do crime, assumindo papéis que influenciam profundamente a organização social e econômica local. Para alguns moradores, essas forças podem representar uma forma de proteção e ordem em meio à insuficiência do Estado; para outros, significam opressão, violência e restrição de liberdades. As percepções sobre esses grupos não são homogêneas e variam de acordo com fatores como proximidade geográfica com bocas de fumo ou áreas de controle, condições socioeconômicas e experiências individuais.

Este estudo busca investigar as diferentes perspectivas dos moradores do Complexo da Maré em relação ao tráfico de drogas e às milícias, analisando como essas opiniões se formam e se transformam a partir das interações cotidianas com as dinâmicas territoriais e sociais. A hipótese central é de que as percepções variam entre a aceitação de uma "ordem alternativa" e a rejeição fundamentada no medo e na opressão.

Para alcançar esse objetivo, adota-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, observação de campo e entrevistas realizadas com moradores de diferentes favelas dentro do Complexo da Maré. O foco principal recai sobre as percepções individuais e coletivas, delimitando o escopo da pesquisa ao contexto cotidiano e evitando análises mais amplas sobre dinâmicas faccionais ou operações de segurança pública. Essa escolha metodológica reconhece as limitações impostas, mas busca aprofundar-se nas experiências vividas pelos habitantes do território.

Compreender como os moradores da Maré percebem o tráfico de drogas e as milícias é essencial para subsidiar políticas públicas mais eficazes e alinhadas às necessidades reais da comunidade. Dessa forma, este estudo espera contribuir para a formulação de estratégias que promovam melhores condições de vida, respeitando as especificidades e diversidades desse território.

## **2 O COMPLEXO DA MARÉ: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL**

O Complexo da Maré, situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, é uma das maiores aglomerações de favelas da cidade. Localizado às margens da Baía de Guanabara, o território abrange 16 favelas distribuídas em uma área de 800 mil metros quadrados ao longo da Avenida Brasil, conforme estabelecido pelo Decreto nº 7.980, de 12 de agosto de 1988. O complexo também é cortado por importantes vias, como as linhas Vermelha e Amarela e a Avenida Brigadeiro Trompowski. Em 19 de janeiro de 1994, o Conjunto de Favelas da Maré foi formalmente reconhecido como bairro carioca pela Lei nº 2.119.

Segundo o Censo Populacional da Maré, realizado pela Redes da Maré em 2019, a população do bairro é de aproximadamente 140 mil habitantes. Para efeito comparativo, se fosse uma cidade, ocuparia o 23º lugar entre os 92 municípios do estado do Rio de Janeiro, superando cidades como Araruama, que, conforme o Censo do IBGE de 2022, tinha cerca de 129 mil habitantes.

### **2.1 Origens Históricas**

A história da Maré remonta ao período colonial, quando a região era predominantemente rural e composta por terrenos alagadiços. Entretanto, foi ao longo do século XX que a área passou por profundas transformações. Conforme Abreu (1988, p. 42), o surgimento das favelas no Rio de Janeiro está intimamente relacionado à transição da economia brasileira de uma fase mercantil-exportadora para uma capitalista-industrial. Essa mudança coincidiu com a crise da economia cafeeira no estado do Rio de Janeiro, gerando uma reestruturação do capital mercantil.

Simultaneamente, o crescimento demográfico acelerado da cidade, impulsionado por migrações internas e estrangeiras, agravou a já problemática questão habitacional. No caso da Maré, essas mudanças foram intensificadas pela construção da Avenida Brasil na década de 1940. Essa via facilitou o acesso ao centro do Rio e atraiu indústrias para suas margens. Vieira (2008, p. 50) destaca:

[...] a Avenida Brasil proporcionou o crescimento de um cinturão industrial às suas margens, que, somado ao isolamento dos terrenos na orla da Baía de Guanabara e à facilidade de acesso a tais áreas, criou condições bastante favoráveis para o surgimento das comunidades da Maré."

Sem políticas habitacionais eficazes, migrantes se estabeleceram em áreas periféricas e inadequadas. A ocupação inicial da Maré ocorreu no Morro do Timbau, única área de solo seco e estável em meio aos manguezais da região (Gomes, 2024, p. 45). Com a falta de espaço no morro, os moradores passaram a construir casas sobre palafitas nas áreas alagadas, utilizando materiais improvisados.

Com o tempo, essas palafitas foram substituídas por aterros ilegais, realizados com restos de obras e outros materiais. Em resistência às remoções forçadas, moradores construíram casas de alvenaria escondidas dentro das estruturas de madeira das palafitas. Após a conclusão, a madeira era desmontada, deixando a construção de alvenaria intacta. (Gomes, 2024, p. 48).

## **2.2 A Consolidação das Favelas e Novas Dinâmicas Sociais**

A construção do Centro de Habitação Provisória (CHP) na década de 1960 marcou uma nova fase na consolidação do Complexo da Maré. Esses centros, parte de um projeto do governo Carlos Lacerda (1960-1965), visavam erradicar favelas e realocar seus moradores para áreas previamente aterradas. Silva (2007, p. 91) explica:

O Projeto Nova Holanda consistiu na realização de aterros em uma grande área da Marinha, na erradicação de palafitas e na construção de casas de madeira para abrigar, provisoriamente, os moradores de favelas de outras áreas da cidade em processo de remoção: Favela do Esqueleto, da Praia do Pinto, do Morro do Querosene e de Macedo Sobrinho.

Embora planejadas como temporárias, essas habitações se tornaram permanentes à medida que os moradores consolidavam suas moradias utilizando a infraestrutura de água e energia elétrica instalada. Esse processo impulsionou a formação de novas comunidades na Maré, sendo a Nova Holanda uma localidade fundamental nesse contexto.

Foi desta forma que a Nova Holanda se tornou essencial no processo de consolidação da Maré, pois as primeiras localidades, apesar de pertencerem à mesma região, se desenvolveram de maneira autônoma, sendo reconhecidas como áreas distintas umas das outras." (Oliveira, 2019, p. 39).

Com a consolidação do Complexo da Maré, surgiram novas dinâmicas sociais e políticas. A partir da década de 1960, o regime militar trouxe mudanças significativas para as favelas cariocas, criando um cenário de repressão que fomentou o surgimento do CV.

Esse contexto histórico estabelece as bases para entender como o CV emergiu e se consolidou, em paralelo às transformações sociais e políticas das décadas seguintes. No próximo capítulo, será analisado o impacto desse grupo na segurança, economia e cotidiano das favelas cariocas, incluindo a Maré.



### 3 DITADURA MILITAR E A REPRESSÃO: FORMAÇÃO DO CV

O surgimento do CV está intimamente ligado ao contexto repressivo da ditadura militar brasileira (1964-1985). Durante esse período, o regime autoritário utilizava o sistema prisional para encarcerar tanto opositores políticos quanto criminosos comuns. Um dos locais emblemáticos dessa prática foi o Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM), localizado em Ilha Grande, Rio de Janeiro, conhecido como o “Caldeirão do Diabo”.

Martins (2023, p. 3) destaca que o IPCM, devido à sua localização geográfica isolada, refletia a lógica punitiva do Estado brasileiro, centrada apenas na detenção e contenção. Durante a ditadura militar, especialmente após a implementação da Lei de Segurança Nacional (LSN-69), o presídio tornou-se um espaço de repressão que, paradoxalmente, acabou contribuindo para o aumento da criminalidade no estado do Rio de Janeiro.

Da Costa (2001, p. 13) explica que, com o Decreto-Lei nº 898 de 1969, que alterou a LSN, qualquer pessoa que cometesse crimes como assalto, sequestro ou roubo passou a ser punida com base na nova legislação, independentemente de o crime possuir ou não motivação política.

Ceccato (2006, p. 9) complementa essa análise ao descrever o ambiente em que presos comuns e políticos foram obrigados a compartilhar celas. Segundo ele, ao chegarem ao presídio, os revolucionários de esquerda eram confinados na Ala B, conhecida como “fundão”. Nessa área, os presos comuns, sob o domínio da Falange do Jacaré, controlavam a hierarquia interna, determinando quem se tornaria “soldado” e quem seria submetido à violência extrema, conhecida como “virar mulher”.

Assim, o Instituto Penal Cândido Mendes se tornou um marco das contradições do regime militar brasileiro. O que era para ser um espaço de repressão e controle acabou funcionando como um laboratório para a formação de novas dinâmicas criminosas. A convivência forçada entre presos políticos e criminosos comuns possibilitou a troca de ideias e estratégias, dando origem ao embrião do Comando Vermelho. Esse processo evidencia como a lógica autoritária do período, centrada na repressão e no encarceramento em massa, teve consequências que ultrapassaram o contexto da ditadura, moldando profundamente a criminalidade organizada no Rio de Janeiro e no país.

### 3.1 A Ideia De Coletividade

Amorim (1993, p. 26) observa que o governo militar tentou despolitizar as ações da esquerda ao classificá-las como "simples banditismo comum", nivelando militantes e criminosos. Contudo, os presos políticos rapidamente disseminaram ideais socialistas e técnicas de guerrilha entre os presos comuns. Apesar de reivindicarem separação, utilizaram seu conhecimento para enfrentar as brutalidades do presídio, lutar por direitos e fortalecer o grupo por meio do coletivismo.

O ambiente era paranoico, dominado por desconfianças e medo, não apenas da violência dos guardas, mas também da ação de quadrilhas formadas por presos para roubar, estuprar e matar seus companheiros. [...] Matava-se com frequência, por rivalidades internas, por diferenças trazidas da rua ou por encomenda da própria polícia, que explorava de forma escravagista o trabalho obrigatório e gratuito. [...] Oito presos da Galeria B, que tiveram contato muito próximo com os militantes das organizações revolucionárias, formam um grupo coeso. Uma fé cega, uma 'questão de princípio': responder à violência das falanges. Se preciso, com violência ainda maior. (Amorim, 2004, p.99)

Os presos LSN observavam a eficiência dos métodos de resistência e das estratégias de sobrevivência interna adotadas pelos presos políticos. Práticas de solidariedade coletiva, como a divisão equitativa de alimentos e a organização de greves de fome, mostraram-se eficazes para manter a coesão entre os detentos. Um exemplo disso é dado por Carlos Gregório, conhecido como Gordo, que descreve: "O preso político tinha uma banana e dividia em 30 para todo mundo comer; se um comia, todos tinham que comer; se 10 não comiam, os outros também não comiam." Essa citação, retirada da entrevista no documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999), de João Moreira Salles, exemplifica como a ideia de coletividade foi posta em prática, com os presos políticos adotando uma abordagem solidária e igualitária na distribuição de alimentos e recursos.

Além dessas práticas, os presos políticos também implementavam sistemas de comunicação sigilosos para evitar a repressão dos guardas e organizar ações conjuntas, como a produção de manifestos e a negociação coletiva por melhores condições dentro do presídio. Esse processo culminou na criação da Falange LSN ou Falange Vermelha, posteriormente chamada de CV, que se consolidou como uma facção com ideais de coletividade e resistência frente às condições opressivas dentro e fora dos presídios.

### **3.2 Paz, Justiça e Liberdade: O Sentimento Vermelho**

O lema “Paz, Justiça e Liberdade” do CV reflete a essência do coletivo que se formou nos presídios, principalmente na Ilha Grande, onde a luta por direitos e dignidade se manifestava em um contexto de opressão e marginalização. A formação do CV está intimamente ligada à experiência compartilhada pelos presos no IPCM, especialmente após a aniquilação da Falange Jacaré em 1979. Esse evento marcou o início da hegemonia da Falange LSN, que rapidamente ganhou notoriedade, passando a ser chamada pela imprensa de Comando Vermelho (Lima, 2001, p. 77).

À medida que o grupo crescia, seus membros solidificaram laços com as favelas, onde encontravam abrigo e apoio. Segundo Willian da Silva Lima (2001, p. 96), os fugitivos e criminosos do CV começaram a se instalar nas favelas por questões de segurança, onde eram bem recebidos pela comunidade, e respeitavam a coletividade local. Na época, os crimes de maior destaque eram os assaltos a bancos, e a relação entre os ex-presos envolvidos nesses crimes e os moradores das favelas era marcada pela cordialidade, sustentada pela percepção compartilhada de injustiça e exploração, tanto pelas instituições financeiras quanto pelo governo autoritário.

A criação da “caixinha” pelo CV exemplifica a continuidade dessa ideologia fora das prisões. Parte dos lucros obtidos pelos crimes cometidos pelos ex-presos era destinada a esse fundo, que financiava futuras fugas e proporcionava benefícios para os presos ainda encarcerados. Isso reforçava o sentimento de coletividade e o compromisso do grupo em apoiar seus membros, mesmo fora dos muros do presídio.

Além disso, a popularização do CV foi amplamente impulsionada pela mídia. Como observa Lima (2001, p. 96), a imprensa e policiais oportunistas contribuíram para a difusão do nome da facção, atribuindo ao grupo a responsabilidade por crimes, especialmente assaltos a bancos, mesmo quando os envolvidos não tinham ligação com a facção. Esse sensacionalismo midiático favorecia tanto a venda de jornais quanto a reputação dos próprios detentos, que muitas vezes preferiam ser identificados como membros do CV para garantir maior proteção no sistema carcerário.

### 3.3 A Ascensão do Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro

Na década de 1970, o tráfico de drogas no Brasil ainda era incipiente, com a maconha predominando, especialmente em áreas urbanas marginalizadas como as favelas do Rio de Janeiro. A repressão estatal ao tráfico era fraca, permitindo que pequenas redes operassem com relativa liberdade. No entanto, foi na década de 1980 que o tráfico de drogas no Brasil começou a se transformar significativamente, em grande parte devido à entrada da cocaína no mercado internacional.

De acordo com Maciel (2021, apud Steiman, 2006, p. 18), o Brasil se tornou uma rota importante para o tráfico internacional em 1984, quando o Cartel de Medellín, enfrentando maiores controles no Caribe, passou a utilizar o país como alternativa para o escoamento da cocaína. A urbanização acelerada e a falta de políticas públicas eficientes nas favelas criaram um ambiente propício para que essas áreas se tornassem centros de distribuição de drogas.

A chegada da cocaína trouxe uma nova dinâmica ao tráfico. A droga, altamente lucrativa, exigia uma estrutura de distribuição mais organizada, levando à profissionalização das redes criminosas. O CV, que já tinha uma estrutura consolidada dentro das prisões e nas favelas do Rio, soube capitalizar essa mudança. Utilizando seus laços comunitários, cultivados por meio de práticas de solidariedade e proteção, a facção controlou o comércio de drogas nas favelas e financiou suas operações.

Com o aumento da demanda por cocaína, o CV expandiu sua influência e fortaleceu sua posição. A facção consolidou seu poder ao combinar coerção com benefícios sociais, garantindo a lealdade dos moradores das favelas enquanto controlava a distribuição de drogas em larga escala. Assim, o CV se tornou uma organização não apenas voltada para a resistência prisional, mas também uma potência criminosa que moldava a vida nas favelas do Rio de Janeiro.

Além do controle do comércio interno, a atuação do CV foi fundamental na internacionalização do tráfico, explorando as vulnerabilidades das fronteiras brasileiras e estabelecendo uma rede de distribuição que conectava o Brasil ao mercado global de cocaína. Dessa forma, o CV se consolidou como uma das principais facções criminosas do país, transformando as dinâmicas sociais e econômicas das comunidades onde operava.

A ascensão do tráfico de drogas no Brasil, impulsionada pela entrada da cocaína na década de 1980, representou uma mudança drástica na dinâmica do crime

organizado. Como Albergaria (2016, p. 38) destaca, a cocaína trouxe um novo tipo de atividade que, além de ser altamente lucrativa, envolvia menores riscos em comparação aos assaltos a bancos e sequestros, que exigiam confrontos diretos com a polícia e planejamentos arriscados. O tráfico de cocaína oferecia estabilidade financeira e menos visibilidade aos traficantes, tornando-se um negócio lucrativo e de longo prazo.

O sucesso do mercado consumidor interno e externo permitiu que os traficantes se modernizassem, exibindo estilos de vida chamativos e atraindo novos membros, muitos dos quais eram moradores das próprias favelas. Esses jovens, seduzidos pelo poder e pela oportunidade de ascensão social, viam no tráfico de drogas uma forma de sair da pobreza.

A influência dos traficantes nas favelas era reforçada pela ausência do Estado. Segundo Bill, Athayde e Celso (2006), os traficantes assumiam o papel de "governantes informais", implementando ações sociais e assistencialismo, conquistando a simpatia da comunidade. O poder dos traficantes se baseava na percepção de que, embora violentos, eram parte da comunidade, ao contrário da polícia, que era vista como opressora. No início, os primeiros traficantes mantinham um código de conduta respeitando normas comunitárias. Dowdney (2002, p. 22) observa que havia limites claros, como a proibição do uso de drogas em frente às crianças, reforçando a aceitação do tráfico como parte da vida cotidiana da favela.

O contraste entre traficantes e polícia é claramente ilustrado no depoimento de Janete, moradora do Morro Santa Marta, que participou do documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999). Ela relatou como o tráfico passou a ocupar um espaço que antes era apenas de medo da polícia:

"Antes do tráfico, a polícia chegava na favela metendo o pé na porta. O tráfico fez com que eles tivessem receio em entrar na favela. [...] Quando precisamos de um remédio, ou mesmo um gás, vamos até o movimento e depois de um tempo o remédio chega em nossa casa"

Com o tempo, a convivência entre o tráfico e os moradores das favelas tornou-se cada vez mais complexa. A perda de hegemonia do CV abriu espaço para o surgimento de outras facções, como o Terceiro Comando Puro (TCP), Amigo dos Amigos (ADA) e o fortalecimento das milícias. Esses grupos passaram a disputar não só o controle das rotas de drogas, mas também o domínio das favelas e áreas periféricas, impondo suas próprias regras, como ocorre no Complexo da Maré. Com o passar dos anos, o crime organizado se fortaleceu tanto financeiramente quanto

militarmente, diversificando suas formas de renda. A exploração territorial, que antes era característica das milícias, também foi adotada pelo tráfico, mostrando uma estratégia diferente para manter o controle das favelas e garantir sua influência sobre os moradores e comerciantes locais.

A exploração do território pelas facções criminosas intensificou o contato direto e cotidiano entre a população e as atividades dessas organizações. O que antes era visto como uma interação superficial — restrita a usuários de drogas e pessoas diretamente envolvidas com o tráfico —, tornou-se a regra. Sob o controle das facções, os moradores perderam a liberdade de escolha em relação aos serviços e atividades oferecidos no território dominado, sendo obrigados a se submeter às imposições dos criminosos.

Nos próximos capítulos, serão analisadas as facções que atuam no território do Complexo da Maré e, em seguida, como os entrevistados percebem o crime a partir de suas condições socioeconômicas, geográficas e sociais. Através de suas vozes, será possível entender como essas diferentes perspectivas influenciam a convivência com o tráfico e a milícia, revelando as nuances de poder e adaptação que moldam o cotidiano da comunidade.

## 4 FACÇÕES DO COMPLEXO DA MARÉ

A ausência de um Estado efetivo e a inexistência de um vácuo de poder na construção social do Rio de Janeiro ao longo do século passado impulsionaram o desenvolvimento de dinâmicas singulares nas áreas periféricas, lideradas por facções criminosas. O Complexo da Maré destaca-se como um exemplo emblemático de como esses grupos ocupam e exercem controle sobre o território diante da fragilidade ou insuficiência estatal.

Nesse contexto, o espaço é dominado pelas três principais facções do Rio de Janeiro, com dinâmicas de poder que se tornam ainda mais complexas devido à disputa entre o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e grupos armados milicianos, que não apenas controlam o território, mas também influenciam diretamente a vida dos moradores (Ribeiro, 2022, p. 561).

Figura 1 - Divisão territorial da Maré por facção 2024

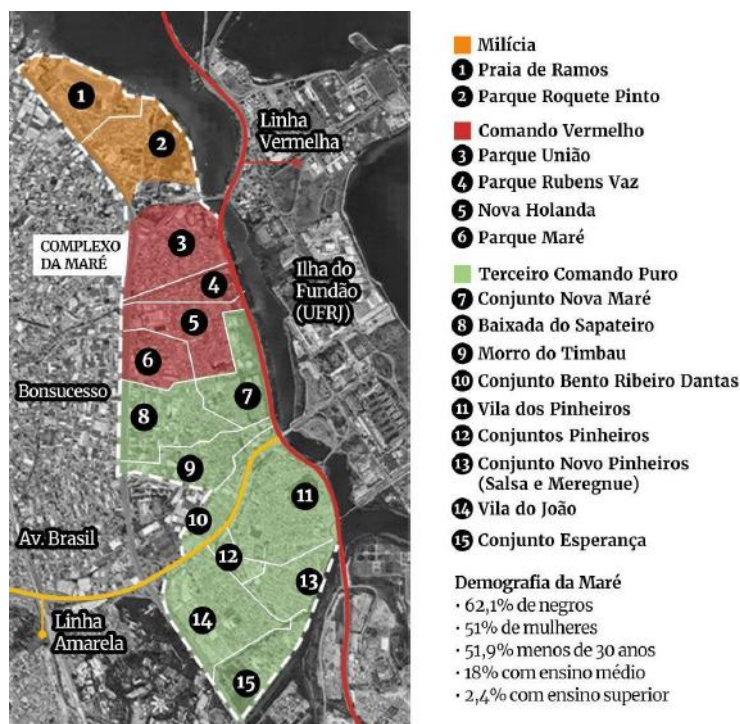


Figura 1 - Mapa da divisão territorial da Maré por facção, *Jornal Metrôpoles* por Nicole Diniz 2024

As particularidades de cada grupo refletem diretamente na vida da população, moldando as dinâmicas sociais e as interações cotidianas. A presença dessas facções impõe um conjunto de regras que os habitantes precisam seguir, afetando a segurança, o convívio social e até a relação das pessoas com o espaço urbano. Cada

facção estabelece sua autoridade de maneiras distintas, criando um cenário de cooptação ou resistência por parte dos moradores. Essa convivência forçada exige constantes negociações e adaptações, enquanto os moradores tentam equilibrar suas necessidades diárias com as imposições dos grupos criminosos. Assim, a relação entre as facções e a população é marcada por complexidade, envolvendo dominação e formas de sobrevivência em meio à violência e insegurança.

Para compreender melhor essas dinâmicas, realizei entrevistas com moradores do Complexo da Maré, que revelaram como os indivíduos percebem e lidam com as facções que dominam seus territórios. As experiências compartilhadas oferecem um panorama sobre as interações cotidianas e as estratégias que os habitantes desenvolvem para enfrentar as regras impostas pelas facções. A seguir, serão apresentadas essas vozes, destacando diferentes perspectivas sobre o impacto das facções no cotidiano da Maré.



**5 Capítulo suprimido, com base no Comitê de Ética de Pesquisa, que prevê a segurança do pesquisador e pessoas envolvidas na pesquisa feita.**

## 6 ANÁLISES E CONCLUSÃO

A análise das dinâmicas sociais e de poder no Complexo da Maré evidencia a intrincada rede de relações entre moradores e facções criminosas, revelando como essas interações moldam o cotidiano das favelas de maneira ambivalente. Os relatos capturados ao longo deste estudo, como o pragmatismo de Ethan e as aspirações de segurança e oportunidades de Ragnar e Leya, revelam a capacidade de adaptação e resistência em um território marcado pela violência estrutural e pela ausência do Estado como provedor de direitos e garantias.

Entretanto, é essencial uma reflexão crítica sobre o conceito frequentemente utilizado de "ausência do Estado" nas favelas. Essa noção, embora útil em determinados contextos, carece de uma análise mais nuançada. Como gestor público, é necessário reconhecer que o Estado não se faz completamente ausente nesses territórios. Ele se manifesta, ainda que de forma fragmentada e, muitas vezes, contraditória, por meio de escolas, UPAs, programas sociais e projetos da prefeitura. Além disso, as operações policiais constantes, comumente associadas ao enfrentamento de facções criminosas, também configuram uma presença estatal, ainda que esta seja percebida, em muitos casos, como coercitiva e desarticulada das reais necessidades da população.

Essa presença contraditória do Estado reflete uma política pública que frequentemente prioriza ações pontuais ou de repressão em detrimento de estratégias de longo prazo que promovam inclusão e desenvolvimento sustentável. Por um lado, a manutenção de serviços essenciais demonstra que o Estado reconhece a existência e a relevância desses territórios; por outro, a ausência de uma abordagem integrada e sensível às demandas locais perpetua ciclos de exclusão. Essa fragmentação reforça uma narrativa que oscila entre o abandono e a intervenção punitiva, gerando desconfiança e descontentamento entre os moradores.

Outro ponto relevante foi a resistência apresentada pelas pessoas cotadas para serem entrevistadas na região de Ramos. Essa resistência resultou na inclusão de apenas uma entrevista neste trabalho. Apesar dos resultados obtidos dessa única entrevista, é crucial destacar que as ações criminosas no território de Ramos não são "melhores" para os cidadãos. A diversidade socioeconômica da região indica que o impacto da exploração territorial aplicada pela milícia pode variar significativamente, recaindo de forma mais severa sobre os mais necessitados.

A presença do tráfico e das milícias apresenta desafios significativos para os moradores, mas não pode ser analisada de forma simplista. Para muitos, essas facções desempenham papéis contraditórios: são ao mesmo tempo fonte de opressão e provedores de certa ordem e proteção, preenchendo lacunas deixadas por um Estado historicamente ausente ou presente de forma coercitiva. Essa dualidade reflete a complexidade das relações sociais nas favelas, onde a sobrevivência depende de negociações constantes entre submissão às regras impostas e estratégias individuais e coletivas de enfrentamento.

Apesar de as dinâmicas observadas representarem um retrato das relações entre moradores e facções criminosas, gostaria de aprofundar ainda mais o estudo do território, especialmente no que tange às condições de vulnerabilidade e as diferentes repercussões do contato com o tráfico, principalmente entre as pessoas em situação de maior risco social. Durante a pesquisa, ficou claro que as experiências de moradores com o tráfico não são homogêneas; elas variam de acordo com a posição social, econômica e política de cada indivíduo. Aqueles que se encontram em maior situação de vulnerabilidade, muitas vezes, veem o tráfico como uma fonte de "proteção" ou até de oportunidade, enquanto outros, com mais recursos ou uma rede de apoio mais sólida, podem vivenciar essa relação de forma mais crítica ou distante.

É fundamental reconhecer que tais dinâmicas não são fruto de uma escolha deliberada dos moradores, mas sim de uma combinação de fatores históricos, econômicos e políticos que configuraram as favelas como espaços de exclusão. A precariedade das condições de vida, aliada à falta de políticas públicas efetivas, perpetua ciclos de marginalização que tornam a violência uma realidade cotidiana. No entanto, os relatos também demonstram que a favela não é apenas um local de sofrimento; é um espaço de vida, cultura, resistência e esperança.

Nesse sentido, a construção de políticas públicas eficazes deve ir além de intervenções pontuais ou militarizadas, focando em ações integradas e sustentáveis que promovam desenvolvimento humano e social. É imprescindível que essas políticas sejam elaboradas em diálogo com as comunidades, respeitando suas especificidades e considerando o conhecimento local como parte essencial do processo de transformação. A criação de oportunidades de emprego, educação e cultura, aliada à garantia de direitos básicos como saneamento, saúde e segurança, é um caminho indispensável para romper com o ciclo de exclusão que alimenta a violência.

As vozes dos moradores, capturadas nas entrevistas, reiteram a importância de um olhar humanizado e participativo sobre a favela. Somente por meio da escuta ativa e do reconhecimento da diversidade de experiências vividas é possível formular estratégias que combatam efetivamente as desigualdades e promovam um futuro mais justo e inclusivo.

Por fim, esta análise reforça a necessidade de enxergar a favela como um território de potencial e transformação, e não apenas como um espaço de problemas a serem controlados. A Maré, como tantas outras comunidades no Brasil, carrega histórias de luta e resiliência que desafiam a lógica excludente imposta por décadas de negligência estatal. O futuro dessas comunidades dependerá da capacidade de articular esforços entre o poder público, a sociedade civil e os próprios moradores, para que direitos fundamentais sejam garantidos e para que cada indivíduo possa construir uma trajetória de vida digna e plena.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. IPLANRIO. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988.
- ALBERGARIA, Rafaela Cristina Bonifácio. **Comando Vermelho: o que se disse liberdade, se tornou controle**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- AMORIM, Sérgio. **Comando Vermelho: a história secreta do crime organizado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.
- ARAÚJO, Helena Maria Marques. **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, p. 939-949, 2017.
- ATHAYDE, Celso; BILL, My; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- BARCELLOS, Christovam; ZALUAR, Alba. **Homicídios e disputas territoriais nas favelas do Rio de Janeiro**. Revista de Saúde Pública, v. 48, p. 94-102, 2014.
- BENEDITO, Vanessa Oliveira. **“O Pessoal da Lei”**: convívio entre presos políticos e presos comuns no Instituto Penal Cândido Mendes durante a ditadura militar.
- CECCATTO, Dirceu Ricardo Lemos. **O Comando Vermelho e a Nova Ordem Mundial**. Universitas: Relações Internacionais, v. 4, n. 2, 2006.
- DA COSTA, Manuela Castilho Coimbra. **O presídio da Ilha Grande e o surgimento da Falange Vermelha**.
- DA SILVA LIMA, William. **Quatrocentos contra um. Uma história do Comando Vermelho**. Rio de Janeiro: Labortexto, 2001.
- DE DENTRO, Maré. **O Complexo da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro e com cerca de 140 mil moradores, é o maior aglomerado de favelas do Brasil**. Como este livro demonstra, as 16 comunidades que compõem a Maré são vibrantes e diversas, apesar de serem frequentemente representadas de maneira pejorativa.

DOWDNEY, Luke. **Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro**. 7Letras, 2003.

FREITAS SOUSA, Micheline T. **O Narcotráfico, o Crime Organizado Internacional, a segurança das hidrovias e recursos estratégicos na Região Amazônica**.

GOMES, Jonatan de Jesus et al. **O território do Complexo da Maré-RJ e a Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016: o raciocínio geográfico e a utilização de uma sequência didática com os alunos do 7º ano (2016-2023)**. 2024.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: população dos municípios. Rio de Janeiro**: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2022>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MACIEL, Marcia Maria Cavalcante Carvalho. **Atuação do Núcleo de Combate ao Tráfico Internacional de Drogas no Aeroporto de Fortaleza/CE**. Cadernos ANP, n. 21, 2012.

MARTINS, Alexandre de Almeida. **A convivência entre presos políticos e comuns no Instituto Penal Cândido Mendes em Ilha Grande: um fenômeno da criminalidade na sociedade fluminense na década de 1960**. Pesquisa & Educação a Distância, n. 14, 2023.

DINIZ. **Mapa das facções da Maré**. METROPOLES. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/brasil/faccoes-x-policiais-entenda-a-guerra-do-crime-no-complexo-da-mare>.

MATTOS, Carla dos Santos. **Uma etnografia da expansão do mundo do crime no Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 31, p. e319110, 2016.

RIBEIRO, Eduardo; SOARES, Luiz Eduardo; KRENZINGER, Miriam. **Tipos de governança criminal: Estudo comparativo a partir dos casos da Maré**. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 15, n. spe4, p. 559-588, 2022.

REDES DA MARÉ. **Censo populacional da Maré**. 2019.

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro da. **Maré: a invenção de um bairro**. 2007.

VAZ, Lilian Fessler. **História dos bairros da Maré: espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré.** 1994.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. **Da memória ao museu: a experiência da favela da Maré.** Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

VIEIRA, Antônio Carlos Pinto. **Do engenho à favela, do mar ao chão: memórias da construção do espaço na Maré.** Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2008.